

1. PRÓTHESE.

Próthese ou *prothése* (gr. *prothesis* = *accrescimo*) é a adição euphonica de uma vogal no principio de um vocabulo. Exs.:

Sentar	=	assentar
Raiar	=	arraiar
Credor	=	acredor
Metade	=	ametade (arch.)
Lagoa	=	alagoa

A difficuldade da pronuncia do *s* chamado *impuro*, quando seguido de consoante, determinou a próthese do *e* ou a quêda do *s*. Exs.:

Stylum	⇒⇒⇒	estyllo
Strictum	⇒⇒⇒	estricto
Spiritum	⇒⇒⇒	espirito
Scribere	⇒⇒⇒	escrever
Spasmmum	⇒⇒⇒	espasmo e pasmo
Sciencia	⇒⇒⇒	(s)ciencia

2. EPENTHESE.

Epenthese é a adição de um phonema no corpo de um vocabulo. Exs.:

Februario	⇒⇒⇒	fevereiro	Café+al	⇒⇒⇒	cafezal
Masto	⇒⇒⇒	mastro	Café+eira	⇒⇒⇒	cafeteira
Registo	⇒⇒⇒	registro	Chá+eira	⇒⇒⇒	chalcira
Humile	⇒⇒⇒	humilde	Cravelha	⇒⇒⇒	caravelha
Humero	⇒⇒⇒	hombro	Laternam	⇒⇒⇒	lanterna
Cumulo	⇒⇒⇒	combro	Tetra-avô	⇒⇒⇒	tataravô

Este processo epenthetic de se accrescentar euphonicamente phonemas intermedios, chamado *paréctase*, já nos veio do latim e é popular — *gotão*, *borôa*, *taramela*, por *glotão*, *broa*, *tramela*.

3. EPITHESE.

Epithese ou *paragoge* é a adição de phonema no fim de um vocabulo. Exs.:

Mihi	⇒⇒⇒	mi (arch.)	⇒⇒⇒	mim
Sic	⇒⇒⇒	si (arch.)	⇒⇒⇒	sim

O *m* epithetico (*mim*, *sim*) é na prosodia actual mero signal nasalador. — Um phenomeno epithetico ou parago-

gico do portuguez e que se revela proeminente na orthographia do port. arch., é a incorporação das enclíticas nos vocabulos, p. ex.: *amallo, comerumseli (amá-lo, comeram-se-lhe)*.

IV. Transposição

102. TRANSPOSIÇÃO é o phenomeno da deslocação de phonemas, no seio de uma mesma syllaba ou de uma syllaba para outra. Dahi a *metáthèse* e a *hypérthèse*.

1. METÁTHESE.

Metáthèse é a transposição que soffre o phonema no seio da syllaba. Exs.:

Pro	➡➡➡	por
Super	➡➡➡	sobre
Inter	➡➡➡	entre

2. HYPÉRTHESE.

Hypérthèse é a transferencia do phonema de uma syllaba para outra. Exs.:

Rabiam	➡➡➡	raiva
Capiam	➡➡➡	caiba
Sapui	➡➡➡	soube
Tenebram	➡➡➡	treva
Parabolam	➡➡➡	palavra
Medulam	➡➡➡	muela (miolo)
Poculum (?)	➡➡➡	copo
Pop'ulum	➡➡➡	choupo (pl = ch)
Hirundinam	➡➡➡	andorinha

CAPITULO VII

ORIGEM DOS PHONEMAS VOGAES E CONSOANTES

ORIGEM HISTÓRICA DOS PHONEMAS VOGAES E CONSOANTES DO LEXICO PORTUGUEZ.

103. O nosso systema phonetico, imperfeitamente figurado no alphabeto tradicional, e constante de nosso lexico.

nos veio do latim; não, porém, do latim classico, senão do latim popular. Levado o latim á faixa occidental da Hispania pelos soldados conquistadores e pelos colonos romanos, modificou-se profundamente em sua phonetica, bem como em todos os outros dominios grammaticaes, no processo lento de sua assimilação secular. A maneira por que os estrangeiros, desafeitos aos nossos sons vocabulares, dão expressão aos phonemas de nossa lingua, illustra o modo pelo qual as populações primitivas da Lusitania se foram apropriando da phonetica latina, modificando-a.

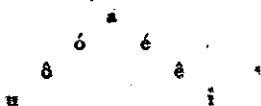
Essas modificações seculares, entretanto, não se effectuaram, como já o dissemos, de uma maneira arbitraria, mas, regularmente, como se uma vontade inconsciente as dirigisse. Sob o imperio das grandes leis glotticas, já estudadas, realizaram-se todas as modificações metaplasticas e todas as transformações phonicas, que ora vamos mais particularmente encarar, estudando a *origem historica dos phonemas vogaes e consoantes* incorporados em nossa lingua.

CAPITULO VIII

VOCALISMO

Historia das vogaes

104. Possuia o latim classico cinco vogaes — *a, e, i, o, u*, cada uma das quaes se caracterizava pela quantidade, podendo ser *longa* ou *breve*. Com o enfraquecimento da quantidade, absorvida pela tónica, phenomeno que já se dava no latim do Imperio, deixaram as vogaes de se differenciar pela duração, e começaram a se distinguir pelo *timbre*, que as fez *abertas* e *fechadas*. Os elementos *qualitativos* vieram substituir, na prosodia popular, os elementos *quantitativos* do latim classico, e o latim popular, seguindo esta corrente evolutiva, transformou as cinco vogaes do latim classico em sete phonemas vogaes, que são as vozes distinctas de nosso systema phonetico:



105. Nesta transformação do vocalismo classico no popular nota-se a seguinte correspondencia da *quantidade classica* com os valores *qualitativos* do latim popular, que é a fonte principal de nossa prosodia:

LATIM CLASSICO

LATIM POPULAR

ā, ǣ	=	a
ē, æ (æ)	=	é
e, oe, i	=	ê
ī	=	i
ō	=	ô e ó
ō, ū	=	ô
ū	=	u

106. Sobre esta correspondencia historica, assenta, em geral, a prosodia de nosso lexico oriundo do *latim popular*:

ārā	(ā)	ara	tres	(e)	trêz
āqua	(ǣ)	agua	debeo	"	dêvo
dēcem	(ē)	déz	secretum	"	segrêdo
lēporem	"	lébre	catēnum	"	cadeia
nēbula	"	névoa	mēnsem	"	mêz
sēptem	"	séte	foenum	(æ)	fêno
fēbrem	"	fébre	poena	"	pêna
pētram	"	pédra	foedum	"	fêio
caecum	(æ)	cégo	foederatum	"	fêderado
praedum	"	prédio	pīlum	(i)	pêlo
Caesar	"	César	sītem	"	sêde
tegulam	(e)	têlha	cīto	"	cêdo
consilium	"	consêlho	nōvem	(ô = ó)	nóve
vīrde	"	vêrde	rōsa	"	rōsa
sīnum	"	seio	ōpera	"	óbra
rīvum	(i)	rio	tōtum	(ô = ô)	tôdo
amicum	"	amigo	flōrem	"	flôr
spīcam	"	espiga	scōpam	"	escôva
formīcam	"	formiga	carōnam	"	corôa
filium	"	filho	persōnam	"	pessôa
confido	"	confio	rumōrem	"	rumor

pōpulum	(ō = ô)	pōvo	sūperbum	(ū = ô)	sôberbo
jōcum	"	jōgo	sūper	"	sôbre
fōcum	"	fōgo	lūpum	"	lôbo
sōcerum	"	sōgro	lūtum	"	lodo
ōculum	"	ôlho	secūrum	(ū = u)	seguro
sōlidum	"	sōldo	mūtum	"	mudo
mōdum	(ō = ô)	mōdo	verrucum	"	verruça
rōtam	"	rōda	jūstum	"	justo

107. A esta correspondencia geral dos valores phoneticos de nossos sons vocabulares, através do latim popular, com a quantidade vocalica do latim literario, ha frequentes excepções. Exs :

- 1.º *ā, a:* *amavi* → *amei*, *alacrem* → *alegre*, *Tagum* → *Tejo*.
- 2.º *ē œ:* *mētum* → *mêdo*, *mēum* → *meu*, *mēdium* → *meio*, *laetum* → *lêdo*.
- 3.º *ē, œ, i:* *complētum* → *complêto*, *vēlum* → *vêo*, *mētam* → *mêda*, *rēgulam* → *rêgra*, *foetidum* → *fetido*, *fidem* → *fê*, *nivem* → *nêve*, *pīlam* → *pêla*, *justitiam* → *justiça*, *servitium* → *serviço*.
- 4.º *i:* *crinem* → *grenha* (cf. *crina*) *pīcam* → *pêga*, *līram* → *leira*, *capillum* → *cabello*.
- 5.º *a:* *mūcum* → *monco*, *cāpam* → *côpa* (cf. *cuba*), *crūsta* → *crôsta* → (cf. *crusta*).

108. A sorte das vogaes depende de sua natureza e posição no vocabulo. As vogaes *tônicas* não soffrem elisão, e difficilmente se permutam. As *átonas*, porém, estão francamente expostas a permutas e elisões, mormente as *postônicas*. As vogaes *iniciaes* mantem-se melhor que as *mediaes* e *finaes*. As vogaes *longas* e *sonoras* teem naturalmente mais resistencia que as *breves* e *surdas*.

A

109. O *a* tónico latino conserva-se inalteravel: — *aquam* → *agua*, *stare* → *estar*, *palatium* → *paço* → *paço*.

EXCEPÇÕES:

Fame → *fome*, *calamum* → *colmo*, *Tagum* → *Tejo*, *phantasma* → *abentesma* (o *a* prosthetico é o art.

fem. juxtaposto), *amavi* → *amai* → *amei*, *factum* → *faito* → *feito*.

110. O *a* átono igualmente se mantem: *medecinam* → *mezinha*, *amicum* → *amigo*, *parabulam* → *palavra*, *acuclam* → *agulha*.

EXCEPÇÕES:

Smārāgdum → *esmeralda*, *bacalium* → *bogalho*.

O *a* átono inicial soffre ás vezes (posto que raras) *aphe- rese*: *apothecam* → *bodega*, *acumen* → *gume*, *attoni- tum* → *tonto*.

Phenomeno contrario se observa na *prothèse* do *a* em muitas palavras que o não possuem originariamente, taes como — *abutre* → *minaciam*, → *vulturem*, *ameaça* *abrunho* → *pruneum*, *abentesma* → *phantasma*, *aca- ecer* → *cadescere*, *acontecer* → *contingescere*, *arre- pender* → *repenitere*, *aleijão* → *læsionem*. Em — *ameaça*, *abentesma*, *aleijão*, o *a* prosthetico é o art. fem. juxtaposto por se ter confundido com a syllaba inicial.

E

III. O *e* tónico:

Mantem-se em geral: *septem* → *sête*, *pedem* → *pê*, *debeo* → *devo*, *mercedem* → *mercê*, *lucerna* → *lu- zerna*.

Permuta-se, ás vezes, por *i* e *o*: *mecum* → *migo*, *tecum* → *tigo*, *secum* → *sigo*, *decimam* → *dizima*, *men- tio* → *minto*, *senti* → *sinto* (arch. *sento*), *sensum* → *siso*, *serum* → *soro*, *episcopum* → *obispo* (arch.). Diphthonga-se em *cremare* → *queimar*.

112. O *e* átono:

1. Conserva-se em geral: *meliozem* → *melhor*, *se- niorem* → *senhor*, *repositam* → *reposta* e *resposta*.

2. Permuta-se, ás vezes, por *i*: *lectionem* → *lição*, *confessionem* → *confissão*

3. Elide-se:

- a) quando *inicial* raramente: *Emmanuel* ➡ *Ma-noel*, *episcopum* ➡ *bispo*.
- b) Quando *medial*, frequentemente: *operam* ➡ *obra*, *socerur* ➡ *sogro*, *tenebras* ➡ *trevas*.
- c) Quando *final*, sempre que for precedido de *l, r, m, n*, por poderem estes phonemas formar syllabas com a vogal antecedente: *crudelem* ➡ *cruel*, *legalem* ➡ *legal*, *regulare* ➡ *regular*, *amare* ➡ *amar*, *sapere* ➡ *saber*, *partire* ➡ *partir*, *cane* ➡ *can* ➡ *cão*, *vice* ➡ *vez*.

Na prosodia brasileira abre excepção a 3.^a pess. do pres. indic. de *valer*—*vale*; em compensação, na lusitana guardam muitos o *e* na mesma pess. de *querer* e *requerer* — *quere* e *requere*. No dialecto literario é preferivel guardar o *e*, quando seguido do objecto: — *quere-o*, *requere-o*; se bem que mesmo em Herculano encontremos — *quê-lo*.

- d) O *e* átono transmuda-se por vezes em *a* antes de *r*: *verrere* ➡ *varrer*, *servientem* ➡ *sargento*, *per+ad* ➡ *pera* (arch.) ➡ *para*. Descobre-se ainda hoje esta tendencia na orthoepia lusitana, p. ex.: *numaro*, *amaricano*, por *numero*, *americano*. E' provavel que a este phenomeno da influencia da semivogal *r*, devamos em portuguez o suffixo — *aria*, p. ex.: *caballarium* ➡ *cavallairo* ➡ *cavalleiro* *cavalleiro+ia* ➡ *cavalleiria* ➡ *cavalleria* ➡ *cavallaria* ou *cavalaria*.

I

113. O *i* tónico:

- a) Conserva-se em geral: *vitam* ➡ *vida*, *formicam* ➡ *formiga*, *amicum* ➡ *amigo*.
- b) Permuta-se ás vezes por *e*: *capillum* ➡ *cabello*, *picam* ➡ *pêga*, *capistrum* ➡ *cabresto*, *silva* ➡ *selva*, *sigillum* ➡ *sello*, *scribo* ➡ *escrevo*.

114. O átono:

a) Quando *final*, muda-se uniformemente em *e*: *peti(t)* → *pede*, *vinci(t)* → *vence*, *senti(t)* → *sente*.

b) Quando *medial*, não raro, cae: *asinum* → *asno*, *veritatem* → *verdade*, *bonitatem* → *bondade*, *dominum* → *dono*.

Em *mirabiliam* → *maravilha*, dá-se uma assimilação regressiva: o *i* da syllaba transmuda-se em *a* por attracção do *a* da syllaba subsequente. Provavelmente o mesmo phenomeno se deu em *bilanx* → *balança*, e é possível que a elle não seja extranho *samphona* → *symphonia*.

○

115. O o tónico:

a) Mantem-se em regra: *totum* → *todo*, *solum* → *só*, *amorem* → *amor*, *cohortem* → *coorte* → *côrte*, *focum* → *fogo*, *personam* → *pessoa*, *votum* → *voto*, *oculum* → *olho*.

b) Permuta-se ás vezes por *u*: *octobre* → *outubro*, *totum* → *todo* (neut. → *tudo*, *testimonium* → *testemunho*, *compleo* → *cumpro*, *dormio* → *durmo* (cfr. b. lat. *ordiri* → *urdir*).

116. O o átono:

a) Permuta-se em alguns casos por *e*: (ho) *rologium* → *relogio*, *valorosum* → *valeroso*, *formosum* → *fermoso* (arch e pop., por dissimilação).

b) Elide-se por vezes quando *inicial* e *medial*: (h) *orologium* → *relogio*, *leporem* → *lebre*, *parabola* → *palavra*. — Em *obispo* (arch.) → *bispo*, a quéda do o inicial é, por certo, determinada pela confusão com o artigo masc. singular.

U

117. O u tónico:

a) Conserva-se em algumas palavras: *virtutem* → *virtude*, *acutum* → *agudo*, *lucem* → *luz*.

b) Permuta-se em outras por o: *lupum* → *lobo*, *umerum* → *ombro*, *undam* → *onda*, *crusta* → *crôsta* (cf. *crusta*).

118. O u átono:

a) Permuta-se ás vezes por e: *umbelicum* → *embigo*, *juniperum* → *genebra*.

b) Permuta-se ordinariamente por o, e uniformemente, quando final: *gubernare* → *governar*, *superbum* → *soberbo*, *urticam* → *ortiga* — *lupum* → *lupu* → *lobo*, *servum* → *servu* → *servo*, *exercitum* → *exercito*. É assim todos os derivados da 2.^a e 4.^a declin. lat.

Em *Ulisiponam* → *Lisboa*, houve *apherese* do u inicial.

CAPITULO IX

GRUPOS VOCALICOS

Hiatos

119. Do latim classico passaram para o latim popular muitos *hiatos*, e deste para o portuguez, taes como: *cooperare*, *prehendere*, *cohorte*, — *cooperar*, *apprehender* (cf. *apprender*), *cohorte* (cf. *côrte*), *Dario*. Na evolução da lingua muitos outros se formaram, mormente em certa época em que a quêda da consoante sonora intervocalica poz em contacto vogaes de syllabas convizinhas, como— *videre* → *veër*, *dare* → *dade* → *daë*, *pede* → *peë*, *frigidum* → *frio*.

120. Repugnando ao genio da lingua taes grupos vocálicos, tão numerosos no latim literario, foram elles consideravelmente reduzidos por varios processos, já no dominio do latim popular, já no dominio do vernaculo.

Podemos reduzir aos seguintes os processos da lingua para a eliminação de *hiatos*, que são: *crase*, *diphthongação* e *syncope*.

I. CRASE.

121. Dá-se a *crase*, *fusão* ou *contractão*, quando, sendo identicos os elementos vocálicos, se opera a absorpção de um pelo outro: *prehendere* → *prender*, *videre* → *veer* → *ver*, *dolorem* → *door* → *dôr*, *palatium* → *paço* → *paço*, *pedem* → *pee* → *pé*, *panetaria* (b. lat.) → *paadeira* → *padeira*.

II. DIPHTHONGAÇÃO.

122. A *diphthongação* opera-se pela reunião em uma syllaba de elementos vocálicos, em geral dissimilares, pertencentes a syllabas diversas, e que vieram em contacto, pela quédia da consoante interposta: *date* → *dade* → *daë* → *dae*, *amatis* → *amades* → *amaës* → *amaes*, *timetis* → *timedes* → *temeis* → *temeis*, *fatales* → *fataës* → *fataes*, *solitatem* → *soidade* → *soidade* (arch. = *saudade* por influencia de *saude*), *duos* → *doos* → *dous*.

123. Esta diphthongação realiza-se ainda por *metathese*, como em — *faciles* → **faciës* → *faceis*, *amabiles* → **amaviës* → *amaveis*, *textiles* → **textiës* → *têxteis*, *pensiles* → **pensies* → *pênséis*.

124. Este processo na formação do plural dos nomes oriundos dos nomes da 3.^a declin. lat., dá-se quando a syllaba final é átona. Sob a acção do accento tónico opera-se a *crase*, isto é, a absorpção da vogal identica ou proxima, como vimos no paragrapho acima, p. ex.: *subtiles* → **subties*

➤→ *subtis*. — Na pronuncia de *reptil* e *projectil* ha vacillação, sendo mais commum entre nós fazer recahir a tonica na ultima syllaba, contrariamente á accentuação latina; dahi o duplo plural destes dois vocabulos — *réptis* e *répteis*, *projectis* e *projécteis*.

125. A *diphthongação* opera-se ainda pela intercalação de uma vogal euphonica entre as vogaes em hiato, amenizando a pronuncia: *frenum* ➤→ *freo* ➤→ *freio*, *vena* ➤→ *vea* ➤→ *veia*, *fædum* ➤→ *feo* ➤→ *feio*

III. SYNCOPE.

126. Elimina-se ás vezes o *hiato* com a *syncope* ou supressão de uma das vogaes: *consuere* ➤→ *coser*, *battuo* ➤→ *bato*, *moesteiro* ➤→ *mosteiro*, *maestre* ➤→ *meestre*, *fortalitia* ➤→ *fortaleza*, *parietem* ➤→ *parede*, *augustum* ➤→ *agosto*, *augurium* ➤→ *agouro*.

CAPITULO X

DIPHTHONGOS

127. OS DIPHTHONGOS do latim classico eram apenas — *ae*, *oe*, *au*.

128. Desde o fim da Republica, e principalmente no primeiro sec. da E. C., o diphthongo *ae* reduziu-se *ae* (= *é*) e *oe* a (= *ê*) — *Caeser* — *César* e *poena* — *pêna* (Bourciez). Subsistiu o diphthongo *au*, que frequentemente se enfraquece em *ou*: *audaciam* ➤→ *audacia*, *causam* ➤→ *causa* e *cousa* (com differenciação de sentido), *pausa* e *pouso* (id.), *aurum* ➤→ *ouro*, *thesaurum* ➤→ *thesouro*. Este mesmo diphthongo (*ou*) soffreu a tendencia de contracção, que o reduziu a *o*, p. ex.: *orum*, *plostrum*, por *aurum*, *plaustrum*. Desta tendencia nasceu *pobre*, de *pauperum*, e, posteriormente *apoquentar*, *aposentar*, de *pouco* e *pôusso*. Em *agouro* ➤→ *augurium*, *agosto* ➤→ *augustum*, o diphth. *au* ficou reduzido a *a*.

129. O diphthongo *ou* transmuda-se frequentemente em *oi*, que se tornou fôrma syncrética mais distincta na pronuncia: *cousa* e *coisa*, *dous* e *dois*, *ouro* e *oiro*, *açoute* e *açoite*, *thesouro* e *thesoiro*.

Subsiste este syncrétismo diphthongal com certa tendencia para fixar-se numa ou noutra fôrma em certas palavras, variando a preferéncia quasi sempre entre Portugal e o Brasil.

Em Portugal maior é a tendencia de reduzir *ou* a *ô*, e mais larga a preferéncia que ahi dá o povo á fôrma *oi*, de que no Brasil. Sobre isto escreve o Snr. Gonçalvez Viana: "Em varios pontos do reino prefere-se em muitas palavras *oi* a *ou* (pronunciando-se *ôu* ou *ô*), qualquer que seja a origem da subjunctiva dêste ditongo, *u*, *i*, ou uma consoante. E', pois, facultativo pronunciar-se *touro* ou *toiro*, *couro* ou *coiro*, *noute* ou *noite*, de *taurum*, *corium*, *noctem*. Dou em geral a preferéncia, com Alexandre Herculano, a *ou*, fazendo pequenas excepções, e são as principaes *dois* e *oito*".

No Brasil, entretanto, a fôrma *ou* pôde considerar-se fixa geralmente em: — *couro*, *ouro*, *thesouro*, *lousa*, *posso*, *louça*, *Sousa*. E *oi* em: *oito*, *noite*, *foice*, *coice*, *moita*.

130. NOVOS DIPHTHONGOS. Contrariamente ao genio da lingua-mãe, o portuguez multiplicou o numero de seus diphthongos no decurso de sua evolução. Podemos assignalar as seguintes causas da creação de novos diphthongos:

1.º Por *hyperthese* ou attracção da vogal da syllaba subsequente: *primariun* ➤ *primairo* ➤ *primeiro*, *operarium* ➤ *obrairo* ➤ *obreiro*, *monasterio* ➤ *mosteiro*, *caseum* ➤ **caiso* ➤ *caijo* ➤ *queijo*, *januariun* ➤ *januairo* ➤ *janeiro*, *feriam* ➤ *feira*, *rabiam* ➤ *raiva*.

Por influencia erudita muitos desses vocabulos volveram á fôrma latina, assumindo alguns fôrmas *duplas*, p. ex.: contrario (arch. *contrairo*), *vigario* (arch. *vigairo*), *primario* e *primeiro*, *operario* e *obreiro*.

2.º Por *syncope* da consoante intervocalica: *amavi* → *amai* → *amei, cantatis* → *cantades* → *cantaes, timete* → *temede* → *temei*.

3.º Por *intercalação* de vogal euphonica para suavizar o hiato: *arena* → *arêa* → *areia, frenum* → *freo* → *freio, catenam* → *cadea* → *cadeia, telam* → *tea* → *teia*.

4.º Por *vocalização* da prepositiva do grupo consonantal *ct, pt, cs (= x), lt, bs*: *pectum* → *peito, actum* → *auto, fructum* → *fruito (arch.), october* → *outubro, doctrinam* → *doutrina, sex (= cs)* → *seis, laxare = lacsare* → *laixar* → *leixar* → *deixar, multum* → *muíto, alt'rum* → *outro, absentem* → *ausente*.

CAPITULO XI

CONSONANTISMO

Historia das consoantes

131. Em rigor o alfabeto latino consignava apenas doze consonancias ou phonemas consoantes, a despeito das dezenove letras consoantes, que contém. Estes doze phonemas consoantes são: — *b, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t*.

a) O *b* representava primitivamente uma aspiração, como o *b̄* de certas palavras inglezas, v. gr. *horse*, e assim occupava elle um logar entre as consoantes latinas. Porém, durante o Imperio, perdeu elle esse valor, e, com essa perda, o seu caracter de letra.

b) O *k* e o *q* tem o mesmo valor phonico do *c*, e não representa consonancia especial.

c) O *x* latino tinha valor duplice, e equivalia a *c+s = cs*, v. gr., *nexum = necsum*.

d) O *z* latino tinha igualmente som duplice, e equivalia a *d+z = dz = Esras = Esdras*.

e) O *v*, *j* e *x* (= *che*) figuram phonemas consoantes novos, formados no dominio do *romance*, e evolidos, os dois primeiros, de *u* e *i*, e o ultimo, do enfraquecimento do *x* duplice latino.

f) Além destes trez phonemas consoantes, creou o *romance* mais dois (*lbe* e *nbe*). Estes phonemas chamados *molhados*, nasceram da combinação de phonemas latinos, p. ex.:

Lbe de *li+vogat*: — *filium* → *filho*, *palea* → *palha*, *meliore* → *melhor*, *muliere* → *mulher*; de *cl. gl, ll, pl*: — *mac'la* → *malha*, *reg'lum* → *relho*, *vel'lum* → *velho*. *manup'lum* → *maninho*.

Nbe de *ni+vogat*: *seniore* → *senhor*, *tenea* → *tinha*, *arana* (= *arania*) → *aranha*, *Bretania* → *Bretanha*; de *gn*: *tammagnu* → *tamanho*, *insignum* → *insinhe* (arch.). *Carolus magnus* → *Carlosmanho*.

132. A SORTE DAS CONSOANTES.

A sorte das consoantes, no corpo do vocabulo, depende, como a das vogaes, de sua *natureza* e *posição*, isto é, de serem *surdas* ou *sonoras*, *iniciaes*, *mediaes* ou *finaes*. Além disso, influe ainda em seu destino o estarem *insuladas entre vogaes*, ou *agrupadas* na palavra: as *insuladas* ou *simples*, resistem menos, e as *geminadas* e outros *grupos consonantae* resistem mais a qualquer modificação. Tomaremos por base do estudo das consoantes *simples* a sua *posição*, como *iniciaes*, *finaes* e *mediaes*, e passaremos em seguida ao estudo dos *grupos consonantae*. Antes, porém, faremos algumas observações geraes, referentes a algumas consoantes.

133. OBSERVAÇÕES GERAES.

1.º O *e* e *g* antes de *e* e *i* tinham, no latim classico, o mesmo som guttural que teem deante das outras vogaes: *cervum*, *Cicero*, *gemere*, *ducem*, *gyrum*, soavam — *kervum*, *kikero*, *guemere*, *duquem*, *guyrum*. Pouco a pouco estas gutturaes foram arrastadas, por uma acção assimilativa das vogaes palataes *e*, *i*, a se *palatizarem* — *ce* = *se*, = *ci* = *si*, = *ge* = *je*, *gi* = *ji*. E' provavel, opina Bourciez, que esse phe-

nomêno já se tivesse operado na época imperial. Dahi o apparecimento dos digrammas *qu* e *gu* para substituirem os valores perdidos dessas consoantes antes de *e* e *i*.

2.^a O **h** teve, por certo, no latim archaico, um valor fortemente aspirado, mas já no tempo de Cicero havia este valor desaparecido, sendo apenas artificialmente mantido nas escolas e no fallar da gente culta (Bourciez). Abundam nas inscrições as graphias — *omo, abere, eres*, por — *homo, habere, heres*. A ausencia do **h** indicava plausivelmente a pronuncia popular. O *b*, pois, figura, não só no vernaculo, mas no proprio latim, como mero expoente etymologico.

No portuguez archaico apparece, entretanto, o **h** em muitos vocabulos sem razão etymologica, conservando-se ainda alguns delles em nossa orthographia actual, p. ex.:

He, ho, ha, hum, hontem, hombro, humido, por — *é, o, a, um, uma, ontem, ombro, umido*.

Entretanto, parece que no latim da Lusitania o *b*, conservou, por vezes, valor phonico, a julgarmos pelos seguintes vocabulos, em que apparece elle transformado em guttural:

Traho ➡ *trago*, *mihi* ➡ *michi* (arch.), *nihil* ➡ *nichil* (arch.) (Vasconcellos).

3.^a O **j** nasceu da consonantização do **i** lat. O som dubio desta letra, desdobrou-se francamente na vogal **i** e na consoante **j** e só do sec. XVI em diante é que se começou a usar a fôrma graphica alongada (*j*) para o phonema consoante, e a outra fôrma mais breve (**i**) para o phonema vogal: *iacere* ➡ *jazer*, *ientare* ➡ *jantar*, (h)*ierarchia* ➡ *jerarchia*, (h)*ieroglypho* ➡ *jeroglypho*, (H)*ieronymo* ➡ *Jeronymo*, (H)*iacintbo* ➡ *Jacintbo*, (H)*ierosolyma* ➡ *Jerusalem*. Ainda hoje, porém, o **j** guarda valor consonantal, quando entre vogaes, p. ex.: *maio, maior, faia, saia, praia*.

4.^a O **v** tem sua origem na consonantização do **u** lat., cujo som dubio se approximava do *dobliú* (w) *inglez*: — *trawway, which*, e só do sec. XVI em diante é que se co-

meça a distinguir na orthographia o valor consonantal com a fôrma *v*, e o valor vogal com a fôrma *u*: *uocem* → *voce* → *voz*, *uetelum* → *velho*.

134. O reforço da continua *v* na explosiva *b*, é phenomeno commum na dialectação do latim em portuguez, p. ex.: *vaginam* → *bainha*, *vesicam* → *bexiga*, *votum* → *bodo*.

Entre os minhotos é hoje uniforme esta permuta: *bocê*, *binho*, *barão*, por *você*, *vinho*, *varão*. Perdura ainda entre nós, em certas palavras, o syncretismo destas duas consoantes, v. gr., *taberna* e *taverna*, *cobarde* e *covarde*, *bôda* e *vôda*.

Consoantes iniciaes simples

135. As consoantes *iniciaes* das palavras latinas, em regra, conservam-se *inalteradas*. Exs.:

Bibere → *beber*, *captivum* → *cativo*, *digitum* → *dedo*, *facilem* → *facil*, *gustum* → *gosto*, *linteum* → *lenço*, *malum* → *mau*, *quomodo* → *como*, *picam* → *pega*, *rosam* → *rosa*, *totum* → *todo*, *virtutem* → *virtude*.

EXCEPÇÕES:

1.^a Encontram-se exemplos sporadicos do *c* inicial permutado por sua homorganica branda *g*: *catum* → *gato*, *caviolam* → *gaiola*, *camellam* → *gamella*, *crassum* → *graxo*, *cretam* → *greda*, *cratem* → *grade*.

2.^a O *v* inicial de muitos vocabulos latinos converteu-se na guttural sonora *g*, por influencia germanica, trazida á Peninsula no sec. V, pela invasão dos godos, povo dessa raça. Essa gutturalidade germanica se manifesta nas seguintes palavras: *vastare* → *gastar*, *vulpiculam* → *golpelha*, *voracem* → (*voraz*) *guoraz* → *goraz*, *vomitare* → *gomitar* (pop.), *vae* (*vae*) → *guai* (arch.). A mesma permuta deu-se com o *w* (*dobliú*) inicial de vocabulos germanicos introduzidos em nosso lexico pelos godos: *werra* → *guerra*, *wise* → *guisa*, *warda* → *guarda*, *want* → *guante*, *Wimaranes* → *Guimarães*, *Wilihelm* → *Wilhelm* → *Guilherme*.

Consoantes finaes simples

136. As consoantes *finaes*, contrariamente ás *iniciaes*, não se mantem: as *fortes* enfraquecem nas sonoras correspondentes, e as fracas soffrem *apócope*, com excepção do *s*: *sub* → *sob* → *so* (arch.), *ad* → *a*, *servum* → *servo*, *amat* → *amad* → *ama*, *amatis* → *amades* → *amaes*.

137. As consoantes *finaes* do latim classico eram: — *b, c, d, l, m, n, r, s, t*, que no latim popular se reduziram a: — *r, s, t*, e no portuguez a: — *l, r, s(z), n*. O *l* e *r* finaes do portuguez vieram, em regra, do *r* e *l* mediaes latinos, pela quédia da syllaba final: *fidelem* → *fiel*, *legalem* → *legal*, *exemplarem* → *exemplar*.

Poucos são os vocabulos portuguezes terminados em *n*, e esses mesmos de uso erudito, repugnantes ao genio da lingua, p. ex.: *alumen, lichen, espécimen, amen*. Neste ultimo e em outros, que já cahiram no dialecto popular, como — *regimen*, o *n* é elemento etymologico, e tem o mesmo valor que o *m* final, isto é, indica diphthongo nasal, no fallar commum — *ameĩ regimeĩ*, (ou *regime*). O mesmo se observa com *joven*, que melhor se graphará — *jovem*.

138. OBSERVAÇÕES SOBRE ALGUMAS CONSOANTES FINAES.

1.^a O *m* final perdeu em portuguez o seu valor literal, e é apenas signal de nasalidade: — *fim, tom*. Precedido de *a* e *e*, indica os diphthongos nasaes — *ão* e *eĩ*: *órgan, amam, homem, personagem, pagem, amem, bem, contém*. Em Portugal este ultimo diphthongo nasal soa — *aĩ* quando tonico: *alguem* (alguaĩ) *bem* (baĩ), *Belem* (B'lâin).

2.^a O *m* final no latim *classico* attenuou-se, e veio uniformemente a desaparecer no latim *popular*, obliterando assim o accusativo do singular, que nas cinco declinações latinas terminava em *m*: *hora(m), servu(m), fidele(m), exercitu(m), re(m), amaba(m)*. — Neste pheno-

meno do latim popular, prende-se a apócope do *m* final portuguez, de que acima tractámos.

3.^a O *t* final dos vocabulos latinos soffreu uniforme apócope, depois de enfraquecido em sua homorganica *d*:
amat ➡ **amad* ➡ *ama*, *petit* ➡ **peted* ➡
pede, *laudabat* ➡ **laudabad* ➡ *louvava*.

4.^a O *s* final conserva-se: *Carolus* ➡ *Carlos*, *Jacobus* ➡ *Jaques* (cf. *Jacob* ➡ *Jacób*, *Iacob* ➡ *Iágo*).

A conservação do *s* do accusativo plural dos nomes das cinco declinações — *horas*, *servos*, *arbores*, *exercitus*, deu-nos o *s* como expoente do plural.

Consoantes mediaes simples

139. A sorte das *consoantes mediaes simples* é vária, como, em seguida, passamos a expor.

1.^o As consoantes *mediaes explosivas surdas* — *p*, *t*, *k*, intervocalicas, abrandam-se geralmente em suas *homorganicas* — *b*, *d*, *g*. Exs.:

Apothecam ➡ *abodega* ➡ *bodega*, *materiam* ➡ *madeira*,
mancipium ➡ *mancebo*, *capillum* ➡ *cabello*, *salutare* ➡ *sau-*
dar, *digitum* ➡ *dedo*, *recipere* ➡ *receber*, *ciconiam* ➡ *cegonha*,
fatum ➡ *fado*.

2.^o As consoantes *mediaes explosivas sonoras* — *b*, *d*, *g*, intervocalicas, são muitas vezes *syncopadas*. Esta syncope, constituida pela quédia da *consoante medial*, é um phenomeno proeminente, caracteristico na evolução do latim. Exs.:

Proebendam ➡ *preenda* ➡ *prenda*, *faciebam* ➡ *facia*
➡ *azia*, *amatis* ➡ *amades* ➡ *amaes*, *crudelem* ➡ *cruel*,
credum ➡ *cruo* ➡ *cru*, *legalem* ➡ *legal*, ➡ *leal*, *ligare*
➡ *lar*, *ligamen* ➡ *liame*.

a) O *b*, ás vezes, em logar da syncope, passa para a *constrictiva immediata sonora*, labial dental, *v*. Exs.:

Caballum ➡ *cavallo*, *nubem* ➡ *nuvem*, *fabam* ➡ *java*, *gubernum* ➡ *governo*, *probare* ➡ *provar*, *cantabam* ➡ *cantava*.

O **b** permuta-se pela sua homorganica nasal *m* em — *cānnābums* ➡ *canhamo*, *morbūm* ➡ *mormo*, *Jacobum* ➡ *Jacome*.

b) O **t** das 2.^{as} pess. plur. dos verbos latinos já se apresenta abrandado em **d** nos primeiros documentos da língua dos fins do sec. XII — *podedes*.

No sec. XV opera-se a syncope desse phonema sonoro, que se completa no primeiro quartel do século seguinte. Alguns verbos resistiram a esta syncope — *lêdes*, *credes*, *vêdes*, *vindes*, *ides*, *tendes*. Esta resistencia explica-se pela pequena extensão dessas palavras, e, nos dois ultimos, pelo apoio que o **d** encontra na syllaba nasal que o precede.

3.º As consoantes *mediaes constrictivas* — *f*, *v*, *s*, *z* soffrem, como as explosivas, abrandamentos e syncopes accidentaes, bem como outras alterações.

a) As constrictivas *surdas* — *f* e *s* *intervocalicas*, abrandam-se em suas homorganicas sonoras *v* e *z*. Exs.:

Aurificem ➡ *ourivez* (ourives), *trifolium* ➡ *trevo*, *Stephanum* ➡ *Eslevam*, *mensam* ➡ *mesa*, *defensa* ➡ *defesa*, *sponsum* ➡ *esposo*, *pensare* ➡ *pesar*, *vicinum* ➡ *vizinho*, *vices* ➡ *vezes*, *vacivum* ➡ *vazio*.

b) A constrictiva *sonora v*, em contacto com *i*, cae. Exs.:

Amavi ➡ *amai* ➡ *amei*, *vestivam* ➡ *estio*, *vestivimus* ➡ *vestimos* ➡ *vestimos*.

c) A constrictiva *surda f* transmuda-se ás vezes na explosiva sonora *b*, porém em regra se mantem. Exs.:

Africum ➡ *abrego*, *phantasma* ➡ *abentesma* — *proferire* ➡ *proferir*, *maleficium* ➡ *maleficio*, *profundum* ➡ *profundo*.

d) A constrictiva *surda apical s* transmuda-se por vezes na constrictiva palatal *surda* *chiantes* *x* (= *ch*.) Exs.:

Insertare → *enxertar*, *insapidum* → *enxabido*, *vesicam* → *bexiga*, **insulphurem* → *enxofre*, *bassium* (l. pop.) → *baixo*, *passior* → *paixão*.

Esta metamorphose de *s* em *x* conserva-se ainda modernamente em Portugal e em algumas reigiões do Brasil, com o *s* final das syllabas, p. ex.: *pires* = *pirex*, *alferes* = *alferex*, *casta* = *caxta*. É esta a pronuncia portugueza recommendada por Antonio de Castilho; entre nós, porém, ella assignala apenas a influencia lusitana em certos centros populosos de nosso paiz. A este som especial do *s* dá-se o nome de *reverso* ou *reverso*, por ser produzido pela parte reversa ou posterior da lingua, sendo elle indicado, nos tractados especiaes, pelo signo *s*, quando *surdo* (se lhe segue consoante forte), e por *z*, quando *sonoro* (se lhe segue consoante fraca), por ex.:

Cesta (*cesta* = *cesta*) e *dezde* (*desde* = *dexde*) *lezma* (*lesma* = *lexma*).

e) O *s* medial isolado ou intervocalico soava no latim classico surdo ou forte (*rosa* = *rossa*), e o mesmo succedia no v. port.; porém do sec. XVI para cá, tornou-se sonoro ou brando (*rosa* = *roza*).

f) O phonema *z*, linguo-dental brando, era desconhecido em latim, onde a letra *z* representava som duplice (*dz*), tendo, porém perdido o primeiro elemento (*d*), ficou a letra para representar apenas o novo som romanico, que se relaciona com o seu segundo elemento.

4.º As consoantes medias constrictivas *linguo-palataes* — *x* (= *ch*), *j*, bem como o *v* e *z*, são phonemas desconhecidos em latim, e creados no dominio do *romance*.

a) A letra *x* representava em latim o som duplice *cs* (*nexus*, *laxare*); o primeiro elemento do grupo (*c*) cae ou vocaliza-se, e o ultimo adquire o valor phonetico de palatal chiente surda (*ch*), e para representá-lo, em muitos vocabulos, adoptou-se o signo *ch* (*cheio*, *achar*), que não se deve confundir com o digramma grego *cb* (*orchestra*, *monarcha*). Exs.: